

Rede

Análise mensal da conjuntura nacional e internacional na ótica do compromisso cristão com a humanização e libertação.

– Reprodução permitida – Favor citar fonte e enviar exemplar –

As matérias aqui publicadas são de responsabilidade de seus autores.



Deus de loteria

“Para o brasileiro, sucesso financeiro vem de Deus”. Esta manchete da Folha de S. Paulo há anos atrás. Segundo pesquisa Datafolha, nove entre dez brasileiros acreditam que a fé em Deus influi no aumento da renda pessoal.

Essa fé no deus que traz dinheiro é compartilhada por 90% das pessoas que têm religião; 70% das que se declaram “sem religião”; e 23% dos ateus... E o mais curioso, 1/3 dos entrevistados que cursaram apenas o ensino fundamental, e 28% dos que ganham no máximo dois salários mínimos por mês, concordam com esta afirmação: “As pessoas pobres, em geral, não têm fé em Deus e, por isso, não conseguem sair dessa situação”.

Pobre Deus! Seu santo Nome é em vão invocado até para justificar a desigualdade social. “Se você é pobre, basta um pouco mais de fé e, logo, a sua situação financeira haverá de melhorar”. Ideia que peca por dois equívocos: atribuir a Deus a causa da desigualdade social, e desqualificar a fé de quem se encontra na pobreza.

Essa teologia da prosperidade já vigorava no tempo de Jesus. E foi por ele duramente condenada. Os fariseus atribuíam os males humanos ao pecado. Se uma pessoa tinha uma doença, isso era culpa de seus pecados ou dos pecados de seus familiares, conforme relata o capítulo nove do Evangelho de João.

Frei Betto, continua na pág. 7



‘Clamor de fé pelo Brasil’

Os impactos e desdobramentos da crise de saúde pública com a pandemia da covid-19 têm se tornado ainda mais críticos com as sucessivas tensões políticas geradas pelo próprio governo brasileiro. Esta realidade tem movido grupos de evangélicos a posturas mais contundentes, uma vez que esta situação tem resultado em graves consequências, principalmente a perda de milhares de vidas, especialmente da população mais empobrecida.

Neste espírito, 35 organizações e movimentos evangélicos e centenas de pessoas vinculadas a igrejas deste segmento cristão assinam o manifesto “O governante sem discernimento aumenta as opressões – Um clamor de fé pelo Brasil”.

De solidariedade com famílias dos mais de 16 mil mortos por coronavírus e com os profissionais de saúde ao reconhecimento a universidades e a centros de pesquisa, os manifestantes evangélicos e evangélicas repudiam e se indignam com o comportamento antiético do presidente da República que “dá provas que não está à altura do cargo que ocupa”. A gestão é classificada no documento como inadequada que atenta contra a vida humana.

Os evangélicos e evangélicas que assinam o manifesto cobram respostas mais eficientes dos governos e reafirmam que igrejas devem ser responsáveis e não promoverem cultos públicos presenciais, abrindo seus espaços para ações de solidariedade. O texto conclama que as orientações e recomendações das instituições de saúde e científicas sejam seguidas e que o poder público atue de forma coordenada para promover uma economia justa, voltada para o benefício das pessoas, em especial, as mais empobrecidas.

Magali Cunha, continua na pág. 2

Além do Coronavírus

Ladislau Dowbor, pág. 4



SOLIDARIEDADE

NESTA EDIÇÃO

- > **DIA 13 DE MAIO: PRETOS-VELHO, RACISMO RELIGIOSO E A FALSA ABOLIÇÃO.** Obalera de Deus, pág. 2
- > **O ATAQUE À VENEZUELA.** Elaine Tavares, pág. 3
- > **NO DIA DA ENFERMAGEM, CATEGORIA PROTESTA CONTRA MORTES.** Gabriela Oliva, pág. 6
- > **CORONAVÍRUS, OS OLHOS E O SÊMEN.** Dr. Drauzio Varella, pág. 7
- > **EQUIDADE: A ÉTICA GLOBAL É NECESSÁRIA.** Margareth Dalcolmo, pág. 8
- > **ANIVERSÁRIO DA LAUDATO SI’: UMA OPORTUNIDADE PARA DENUNCIAR, DEFENDER E AGIR.** Gina McCarthy, pág. 12



CRESCER A OPOSIÇÃO DE EVANGÉLICOS A BOLSONARO

‘Clamor de fé pelo Brasil’

MAGALI CUNHA*

MANIFESTO DE 35
ORGANIZAÇÕES EVANGÉLICAS
PROPÕE QUE TSE ASSUMA
SEU PAPEL CONSTITUCIONAL
E PROCEDA À CASSAÇÃO DA
CHAPA BOLSONARO-MOURÃO

Com base nestas afirmações o manifesto conclui com proposta ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para que assuma seu papel constitucional e proceda à cassação da chapa Bolsonaro-Mourão, marcada pela disseminação de mentiras que embasaram a campanha eleitoral em 2018. A justificativa para o pedido é que “a preservação de vidas e da democracia exigem ação imediata”.

Segue a íntegra do documento:

O governante sem discernimento aumenta as opressões

– Um clamor de fé pelo Brasil

Nós, de diversas Igrejas, organizações e movimentos de evangélicas e evangélicos pela democracia, manifestamos publicamente:

- **NOSSO LUTO** e profunda solidariedade para com as famílias dos mais de 16 mil mortos que o Brasil identificou até recentemente em meio a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19). É momento de “chorar com os que choram” (Rm 12:14-15).
- **NOSSO COMPROMISSO** cotidiano em ações solidárias de apoio ao atendimento de necessidades específicas de pessoas e famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade nesse contexto de grave crise. “A fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta” (Tg 2:17).
- **NOSSA GRATIDÃO** e solidariedade para com os profissionais de saúde que têm experimentado grande desgaste físico e emocional por estarem trabalhando no enfrentamento direto dessa situação. Nossa oração é para que Deus os guarde e que eles “mantenham a esperança”.
- **NOSSO RECONHECIMENTO** e apoio a Universidades e Centros de Pesquisa, bem como seus pesquisadores e cientistas que têm se dedicado na busca das melhores respostas e análises para juntos superarmos esta realidade. O momento exige que as tomadas de decisão sejam fundamentadas “no conhecimento que vem do bom senso” (Pv 1:4).

- **NOSSO REPÚDIO** e indignação à forma antiética com que o presidente da República tem se comportado nesta grave situação do País, sem assumir a conduta exigida para uma pessoa que ocupa a liderança institucional executiva da nação. Ele tem dado provas de que não está à altura do cargo de Presidente da República. A gestão inadequada durante a pandemia atenta contra a vida humana ao invés de “praticar a justiça e compaixão pelos pobres” (Dn 4:27).

Diante disto, consideramos ser fundamental:

- **QUE AS RESPOSTAS** dos governos sejam mais eficientes em relação ao devido atendimento às necessidades das pessoas. É essencial que prefeituras e governos estaduais atuem para garantir o cumprimento do isolamento social recomendado, e que o governo federal opere de forma coordenada e adequada na execução de seus compromissos e responsabilidades.
- **QUE IGREJAS** e comunidades religiosas, compreendendo a gravidade e urgência do tempo presente, não promovam cultos públicos presenciais e considerem seriamente o uso de suas estruturas e pessoal para o desenvolvimento de ações que contribuam para o apoio a população e para o enfrentamento da pandemia. O momento exige responsabilidade e coragem a fim de preservar vidas.
- **QUE SIGAMOS** as recomendações e orientações de instituições de saúde e científicas. Reconhecemos a ciência como dom de Deus para cuidar da vida humana e toda a sua criação. A fé e a ciência são aliadas, caminham juntas e exaltam o poder divino.
- **QUE O PODER PÚBLICO** – executivo, legislativo e judiciário – atue de forma coordenada para promover uma economia justa e voltada para o benefício das pessoas, a partir dos mais empobrecidos. Não há nenhuma razoabilidade em se opor a crise na saúde à crise econômica. É falsa tal divisão. O momento é de grave crise na saúde pública e todos os esforços devem convergir para maior preservação possível de vidas. Não se pode minimizar uma situação de pandemia em favor de lucros. O foco precisa ser solidariedade e proteção social em prol da preservação da vida humana.

E propomos a seguinte ação:

- **QUE O TRIBUNAL Superior Eleitoral (TSE)** assuma seu papel constitucional e proceda o imediato julgamento das Ações de Investigação Judicial no (TSE) e que pedem a cassação da chapa de Jair Bolsonaro e de Antônio Mourão em razão da disseminação de mentiras durante a campanha eleitoral; prática que tem se mantido durante o governo, sendo agora alimentada por dinheiro público, como tem sido demonstrado e noticiado. A preservação de vidas e da democracia exigem ação imediata. Não há motivos que justifiquem ainda mais a prorrogação desse julgamento. Para que a justiça seja feita, sob a égide do Estado de Direito e para o bem-estar social e da democracia.

Convidamos irmãs e irmãos a se juntar nesse clamor de fé e ação pelo Brasil.

Junte-se a nós e assine carta que será enviada ao TSE. Acesse o link: <https://bit.ly/ClamorBrasil>.

Aliança de Batistas do Brasil – Associação Projeto Videiras – AMSK Brasil – Coletivo Abrigo – Coletivo Cristãos Pela Justiça – Coletivo Memória e Utopia- Comunidade Cristã da Lapa – Comunidade Cristã na Zona Leste – Congrega – Comunidade Presbiteriana Videiras – Cristãos Contra o Fascismo – Direitos Humanos nos Passos de Jesus – Evangélicas pela Igualdade de Gênero – Evangélicos Trabalhistas – Evangélicos pela Justiça – Evangélicxs pela Diversidade – Fé e Afeto Cristão – Fórum Evangelho e Justiça – Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito – Grupo Fé & Política: Reflexões – Igreja Batista de Direitos Humanos – Igreja Batista Nazareth – Instituto Guarani de Responsabilidade Socioambiental – Igrejas Libertárias! – Miquêias Brasil – Missão Aliança – Movimento Evangélico Progressista – Movimento Negro Evangélico do Brasil – Nossa Igreja Brasileira – Núcleo de Evangélicas e Evangélicos do PT – Núcleo Evangélico 23 – Paz e Esperança Brasil – Primavera Ecumênica – PSOL/PR – Plataforma Intersecções – Rede Fale – Redenção Baixada – Vozes Maria

(*) Jornalista e doutora em Ciências da Comunicação. É colaboradora do Conselho Mundial de Igrejas e escreve no Carta Capital às quartas-feiras. <magali.cunha@gmail.com>

Pretos-velho, racismo religioso e a falsa abolição

OBALERA DE DEUS*

Com esse ponto cantado pelas Umbandas e rodas de jongo, eu saravo aos Pretos e Pretas-velha, Vovós e Vovôs pelo dia de hoje, 13 de maio. Adorei as almas!

Mas o dia de hoje também é conhecido oficialmente como dia da Abolição da Escravatura no Brasil, último país das Américas a realizá-la. Entretanto, sabemos (ou deveríamos) saber que essa abolição foi uma farsa.

É bom lembrar que no centenário da abolição, o movimento negro organizou a “Marcha contra a falsa abolição”, colocando milhares de pretas/os no centro do Rio de Janeiro, no dia 11/5/1988. Lembrar também do brilhante samba-enredo da Mangueira levado a avenida naquele mesmo ano: “será que já raiou a liberdade ou se foi tudo ilusão? [...] Pergunte ao Criador, pergunte ao criador quem pintou esta aquarela. Livre do açoite da senzala, preso na miséria da favela”.



Marcha contra a falsa abolição. Registro Januário Garcia

No batucar dessa “gira de palavras”, o 13 de maio permite-nos saudar, celebrar nossa ancestralidade, por meio do culto “às almas”, ao mesmo tempo denunciar que mesmo 132 anos depois de decretado o fim da escravidão, o “terreiro-mundo” segue repleto de “casca de coco”. Cento e trinta e dois anos se passaram e não apenas seguimos lembrando dos “tempos do cativo” como esse tempo se manifesta de forma atualizada, escamoteada no hoje, no agora! Não por acaso o grande bloco afro Ilê Ayê há tempos canta que “13 de maio não é dia de negro”.

No cantar baixo e sereno de nossas pretas-velha, sob o mascá do fumo e baforar do seu pito, pérolas de sabedoria são ditas, entoadas e sentidas. E esse embalar de Vovó e Vovô que fala de casca

de coco e terreiro, uma metáfora da vida de sofrimento e toda sorte de violência colonial-escravagista, me faz reportar a violência direcionada às religiões de matriz africana, os nossos “terreiros-quilombo” de ontem e hoje. A cascas de coco ainda marcam nossos terreiros de Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, Batuque, Jurema e etc. Isto é, as múltiplas violências direcionadas aos terreiros e aos respectivos vivenciadores dessas tradições culturais-religiosas, são a expressão do “tempos do cativo” no presente. Um passado vivo.

“Filhos do demônio”. “Cultos afro-brasileiros não constituem uma religião”. “Aluno é barrado em escola por usar guias de candomblé”. Agressão em supermercados, ônibus, hospital, local de trabalho. Adolescente, idosa é apedrejada. Depredação e incêndio de terreiros. Falecimento de iyalorixás decorrentes de agressões por motivação religiosa, “traficantes de Jesus”, “quebra tudo porque a senhora é o demônio-chefe”.

Essas são algumas frases que materializam o cenário histórico de agressão e perseguição aos terreiros. Que nos dão o tom dos tipos de agressão, agressores, locais, maneiras, gravidade do que compreendo como racismo religioso e não apenas como intolerância religiosa. Essa afirmativa é importante por vários motivos, dentre os quais a necessidade de se racializar o debate sobre intolerância religiosa no Brasil (pretendo aprofundar esse debate em outros textos). De qualquer modo, não poderia me furtar a pontuá-lo. E sendo assim, é muito propício compartilhar a inquietação-reflexiva da Iyalorixá Wanda d’ Omolu*: “Como é que a gente começa a trazer o racismo para as nossas discussões? E é falar disso! E eu percebo que tem gente que corre. Conversa sobre intolerância religiosa, mas não quer falar de racismo. Como é que é isso?”

Ao pensarmos a agressão aos afrorreligiosos, dentro da chave do racismo religioso, não nos conecta de maneira mais intensa e profunda aos debates suscitados no 13 de maio? Ele nos coloca diante do mundo que a gente herdou e que ainda hoje não deixou de produzir seus tentáculos “genocidas”. Nesse sentido, o que poderia fazer uma

estrutura-sistêmica racista, a não ser engendrar dispositivos cada vez mais sofisticados que visem anular outros modos de Ser, Existir e Sentir negro-africana, como as comunidades-terreiro.

É fundamental ressaltar que assim como nossos ancestrais lutaram, resistiram e (re)criaram formas de se manterem vivos durante a escravidão e pós escravidão, nós seguimos esse legado. As comunidades-terreiro de ontem e de hoje seguem preservando e transmitindo aos seus toda a herança cultural, filosófica, espiritual e política negroafricana. Enquanto alvos da violência, continuamos criando nossas próprias análises, interpretações e respectivas estratégias de enfrentamento ao racismo religioso.

No mais, cento e trinta e dois e a mentalidade dos tempos do cativo que demoniza-desumaniza, persegue, encarcera e visa matar pessoas e culturas negras continua presente e criando formas de se atualizar. Portanto, abolição para quem, cara pálida?



10ª Caminhada em defesa da Liberdade Religiosa em Copacabana/RJ. Foto Custódio Coimbra

Que os pretos e pretas-velha, que as santas almas do cativo, que todes nosses ancestrais nos conceda força, sabedoria, orientações, acalanto, ervas para que efetivamente não haja mais nenhuma casca de coco no terreiro e assim a verdadeira abolição se concretize!

“Vovó não quer casca de coco no terreiro. Para não lembrar os tempos do cativo”.

*Cientista Social, candomblecista, escritor e poeta. Por uma perspectiva afrorreligiosa: estratégias de enfrentamento ao racismo religioso. RJ: Fundação Heinrich Böll, 2019. <dedeushucass@gmail.com>



ALÉM DO CORONAVÍRUS

LADISLAU DOWBOR*

Não sou médico para comentar os aspectos epidemiológicos do vírus que nos assola. Mas algumas implicações sociais e políticas são óbvias. O primeiro ponto é que desde o golpe há uma fragilização generalizada das políticas sociais – e para efeitos de governança tudo começa já em 2013 com as manifestações, e com o boicote (“Dilma pode até ganhar, mas não irá governar”) e a inversão de prioridades em 2014 favorecendo o sistema financeiro. O teto de gastos, a perda de direitos trabalhistas, o retrocesso na Previdência, os ataques às organizações da sociedade civil, o congelamento do salário mínimo e do Bolsa Família e outras medidas tiveram como denominador comum o travamento da renda e do acesso aos bens de consumo coletivo pelo grosso da população, enquanto se expandia radicalmente o lucro dos bancos e dos grandes aplicadores financeiros.

Foi justamente isso o que paralisou a economia. Os números são claros. Na fase distributiva, entre 2003 e 2013, tivemos um crescimento médio do PIB da ordem de 4% ao ano, apesar da crise de 2008; e de lá para cá, tivemos um recuo do crescimento médio do PIB da ordem de 3,5% em 2015 e em 2016, seguido da paralisia, o fundo do poço onde nos encontramos, com crescimento em torno de 1% ao ano, o que descontando o crescimento demográfico implica que estamos parados no nível de uns 8 anos atrás. E tudo foi feito “para proteger o país do déficit” atribuído à irresponsabilidade de Dilma Rousseff que “devia ter aprendido que uma dona de casa tem de gastar apenas o que tem”. Para registro, anotem os déficits apresentados no Resultado Fiscal do Governo Central, entre 2012 e 2019. O déficit foi de R\$ 61 bilhões (1,3% do PIB) em 2012, 111 em 2013, passando para 272 em 2014 (já com a reversão política), 514 em 2015, 478 em 2016, 459 em 2017, 426 em 2018, e 400 em 2019. Em suma: Joaquim Levy, Henrique Meirelles, Paulo Guedes ou quem seja viraram campeões de déficit, prejudicando seriamente a vida do grosso da população.

A questão é que esses recursos, que não foram investidos na população, tampouco entraram no governo – e se tivesse entrado teria equilibrado as contas –, mas não entrou e foi para algum lugar... Se vocês consultarem o site do Tesouro Nacional vão constatar que o governo tem transferido em juros, essencialmente para bancos e outros aplicadores financeiros, entre R\$ 300 e 400 bilhões por ano, dinheiro que precisamente deixou de ir para educação, segurança e o SUS. Consultem a fonte, acessem http://www.tesouro.fazenda.gov.br/pt_PT/resultado-do-tesouro-nacional, cliquem em “Resultado Fiscal do Governo Central – Estrutura Nova”, e embaixo acessem a tabela 2.1. (Por alguma razão deslocaram recentemente os dados da tabela 4.1 para 2.1, vá lá entender). Vejam as linhas IX, X e XI, os números estão lá, discretos, mas firmes, apontando a farsa.

Não há nenhum mistério quanto à paralisia econômica. Quando se reduziu a capacidade de compra da população, as empresas tiveram de reduzir o ritmo de produção – hoje estão trabalhando com menos de 70%

da capacidade – e demitir seus empregados. O desemprego dobrou e se mantém nas alturas, com apenas um pouco de recuperação no setor informal. Ao travar o consumo das famílias e a produção das empresas (que dirá do investimento empresarial, ninguém investe com tamanha insegurança) se reduz também os impostos pagos tanto sobre o consumo como sobre outras atividades econômicas. Aprofunda-se ainda mais o déficit, ferrando com a população e as empresas.

O teto de gastos foi apresentado como medida séria, de “austeridade”, e reduziu drasticamente a capacidades de ação do SUS. Para os que tomam as decisões e têm planos de saúde sofisticados (aliás outra forma de extorsão), não havia preocupação nenhuma em travar o SUS. Estão cobertos pelo Einstein e outros hospitais. Para o grosso da população, foi um desastre, reduzindo fortemente a capacidade pública e gratuita de atendimento. Isso impacta evidentemente a expansão do Corona Vírus, e eis que os grupos privilegiados descobrem que o vírus não foi informado sobre a diferença entre quem tem plano de saúde e quem tem SUS. Ferrar o sistema universal e gratuito de atendimento, facilita a expansão do vírus, e isso vai atingir diretamente a todos. Aliás, as elites que viajam são as que mais contribuíram para trazer o vírus para o país, mas a generalização da vulnerabilidade cria precisamente o que se chama Crise. E é o que estamos vivendo, com C maiúsculo.

O coronavírus é de índole democrática. Não tem preferências de classe. Os privilegiados têm sem dúvida mais meios de se proteger, com trabalho em casa pelo computador, com casa de campo, com amplos quartos que permitem evitar contatos diretos. Mas no conjunto a fragilização do sistema de saúde na massa da população agrava a vulnerabilidade do país como um todo.

Lições já estamos tirando, é um efeito indireto frequente quando surgem crises. De repente, nós lembramos que somos todos apenas seres humanos, com as mesmas vulnerabilidades, e fragilizar a saúde de uns gera tragédias para todos. E travar o Estado, em nome da “luta contra a corrupção”, quando se está desviando dinheiro do essencial (Saúde, Educação, Segurança...) para a acumulação financeira de milionários, constitui um escândalo sem tamanho que as pessoas estão começando a compreender.

A crise atinge a todos, ou quase. E neste momento (milagre!) os mesmos grupos que vieram “nos salvar” ao “nos proteger do Estado”, “enfrentar o déficit”, “privatizar bens públicos” se lembram precisamente da generosidade dos cofres públicos. Como em 2008, quando os desmandos dos



bancos foram recompensados, pelo mundo afora, com o dinheiro público, no momento atual, o Estado volta a ser o salvador da pátria. São 800 bilhões de dólares nos Estados Unidos, 147 bilhões de reais no Brasil, outros tantos em diversos países. É necessário? Sem dúvida, mas vem tarde, e vem muito deformado: migalhas para os assalariados, esquecimento dos 40 milhões de informais e dos 12 milhões de desempregados, e mais dinheiro público para as empresas.

A meu ver, nós devemos juntar as forças para enfrentar o vírus, mas devemos também pensar que onde funciona, a saúde é pública, gratuita e universal, porque nesta área, as atividades públicas são muito mais eficientes do que o sistema privado. Nos Estados Unidos, o sistema é em grande parte privado, e custa 10.400 dólares por pessoa e por ano. No Canadá, onde é predominantemente público, atinge-se um nível de saúde muito superior com 4.400 dólares. O setor privado é ótimo para produzir hambúrguer, bicicletas, automóveis. Na saúde, educação, segurança, intermediação financeira e outros serviços essenciais de consumo coletivo, a privatização é uma desgraça. Vira indústria da doença, indústria do diploma, indústria da dívida. Sem falar das milícias.

O que temos pela frente, além do coronavírus, é pensar uma sociedade mais solidária e resiliente, em cada país e em cada cidade.



Uma outra dimensão capaz de ultrapassar a pandemia e apontar novos rumos é o desafio da governança planetária. No caso do aquecimento global, por exemplo, estamos assistindo a uma catástrofe em câmara lenta, enfileirando reuniões internacionais em que se constata que... “temos de tomar providências”. Quais providências? As providências cabíveis. Quando? No momento oportuno. Por quem? Pelas autoridades competentes. E assim por diante, o velho discurso que conhecemos. Os governos até assinam compromissos com boa vontade, mas voltando para casa, eles se preocupam mais com a sobrevivência do seu mandato do que com a sobrevivência da humanidade.

As corporações sempre conheceram perfeitamente, muito antes de nós, o tamanho dos desastres que contribuem para gerar. As empresas de cigarro conheciam, por pesquisas internas, a expansão do câncer e os milhões de mortes que ocasionavam – e que continuam a ocasionar – enquanto o negavam publicamente. A Volkswagen conhecia perfeitamente o volume de emissões de partículas que seus carros produziam, e sabia que estava contribuindo com cerca de 6 milhões de mortes que esta poluição ocasionava anualmente no mundo. A British Petroleum conhecia a tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas, mas dinheiro para os acionistas era mais importante.

A Vale sabe como se constrói uma simples barragem segura – somos um país que

tem capacidade de construir uma Itaipu, mas aqui também os interesses financeiros dominam. As empresas de petróleo e do carvão sabem há décadas que estão levando a economia mundial para o desastre. A lista aqui pode ser imensa, o denominador comum é que o rendimento das ações e o bônus do conselho de administração, e sempre no curto prazo, dominam. A partir de um certo nível de amplitude, a própria responsabilidade se dilui. Os desmandos convergem e se ampliam, mas as culpas se tornam abstratas enquanto os desastres se tornam sistêmicos.

Onde esses exemplos se cruzam com a presente pandemia? Na dimensão planetária dos desafios. A Europa está parando de produzir medicamentos porque depende de insumos da China e de outros países. Nos Estados Unidos, empresas param por falta às vezes de uma peça. A Crise atual está nos fazendo tomar consciência de a que pontos somos hoje um sistema interligado e interdependente. Somos uma economia mundial, os seres humanos circulam freneticamente pelo planeta como milhões de formigas, o dinheiro imaterial circula na velocidade da luz sem controle provocando instabilidade generalizada, a informação se tornou uma commodity global, mas não temos governança planetária. Pelo contrário, predomina o oportunismo nefasto, que pode tomar a forma de exportação de lixo da Europa para a Ásia, de cobrança de níveis ridículos de impostos pela Irlanda (e tantos outros) para atrair empresas a qualquer custo, da manutenção de paraísos fiscais com soberania fictícia para favorecer transações ilegais e assim por diante.

Em outros termos, somos uma humanidade terráquea que se comporta politicamente como se o mundo do século XXI pudesse conviver com tribalismo político. Mas enquanto nos feudos europeus de antigamente os deslocamentos a cavalo e os massacres com espadas tinham limites físicos, não há limites neste planeta hiperconectado e interdependente, dotado de tecnologias de impacto global, e que ainda se mobiliza em torno a gritos nacionalistas, a ódios religiosos, a demagogos históricos. Isso não funciona. Os países mais pobres estão fechando os seus portos aos navios com lixo dos países ricos, os países ricos estão se fechando por trás de cercas de arame farpado para se proteger dos pobres. Todos os países estão fechando suas fronteiras como se o Corona precisasse de visto de entrada! E a culpa pelo aquecimento global está sendo empurrada de um lado para outro. Cada um clama o seu direito soberano de defender os seus interesses a seu modo, ainda que o resultado sistêmico seja um desastre.

O que o coronavírus nos lembra, ou praticamente esfrega na nossa cara, é que estamos realmente maduros para um sistema de soberania compartilhada e regulada no plano global. A ONU apresenta o Global Green New Deal, a OCDE negocia o acordo Base Erosion and Profit Shifting (BEPS) buscando assegurar primeiros passos na regulação fiscal e financeira do planeta, o World Inequality Database (WID) sistematiza os dados básicos sobre a rupturas sociais e econômicas, grandes corporações e grupos financeiros estão acenando com possíveis reorientações no seu comportamento, até Davos apela para evoluirmos da prioridade dos acionistas para as prioridades da sociedade e do meio ambiente (From Shareholders to Stakeholders). Um simples apelo do Papa para discutir uma outra economia, a Economia de Francisco, reúne pesquisadores de primeira linha mundial.

A crise global pode gerar – e apenas pode – um choque de bom senso. Confinado em casa, tenho todo o tempo de enfrentar as 1200 páginas de Capital e Ideologia, de Thomas Piketty, na edição francesa (ainda não saiu em português, mas está disponível em inglês). Raramente vi tanto bom senso organizado. O livro trata essencialmente do nosso principal drama, a desigualdade, e é um primor de realismo na análise e de clareza nas propostas. E me impressiona o leque de trabalhos de primeira linha que estão construindo uma nova visão de como a economia e a sociedade podem ser reorganizadas. O People, Power and Profits do Joseph Stiglitz, A Economia Donut de Kate Raworth, O Estado Empreendedor de Mariana Mazzucato, A Apropriação Indébita de Gar Alperovitz e Lew Daly, The Public Bank Solution de Ellen Brown, os trabalhos de Há-Joon Chang, de Marjorie Kelly, de Ann Pettifor, de Saez e Zucman, de Jeremy Rifkin, enfim, há uma revolução teórica em curso que está transformando a forma de analisarmos o que acontece no mundo. Uma nova visão está surgindo.

Não há dúvidas que continuamos nas poderosas mãos de gigantes corporativos, que os interesses financeiros se apropriam dos próprios governos, que populações frustradas pela política que não lhes serve votam em qualquer demagogo que lhes alimente o ódio. Mas tampouco há dúvidas de que as soluções estão na construção de novos pactos sociais, não apenas de preservar ou reconquistar o que já tivemos. É tempo de pensar caminhos.

** Economista e professor titular de pós-graduação da PUC-SP. Foi consultor de diversas agências das Nações Unidas, governos e municípios, além de várias organizações do sistema “S”. Autor e co-autor de cerca de 40 livros, toda sua produção intelectual está disponível online na página dowbor.org.<ladislau@dowbor.org>*



O ataque a Venezuela

ELAINE TAVARES*

No dia três de maio, na pequena comunidade pesqueira de Chuao, os pescadores locais – que fazem parte de uma treinada milícia popular – acabaram fisingando um produto muito estranho: em vez dos tradicionais pescados o que veio na linha foi um atrapalhado grupo de mercenários vindos da Colômbia, aparentemente sob a liderança de dois combatentes estadunidenses, veteranos das guerras contra o Iraque e o Afeganistão.

Ao avistarem os barcos, as Forças Armadas foram acionadas e numa operação conjunta, o exército bolivariano e a população armada conseguiram abortar o grosso do desembarque. Nessa ação foram rendidos os dois estadu-

belado. A proposta, segundo os mercenários capturados era chegar ao presidente e assassiná-lo. Chuao fica cerca de 70 quilômetros da capital, Caracas.

A chamada “Operação Gedeon” segue um já conhecido padrão de operações comandadas pela Central de Inteligência Americana (CIA) e no campo da análise internacional pode estar vinculada a propósitos distintos.

Para o grupo ligado ao presidente Nicolás Maduro, a tentativa de golpe visava matá-lo e destruir de vez a proposta bolivariana iniciada por Hugo Chávez. Mas, há outras análises que dão conta de que a operação da CIA aconteceu mesmo para também enfraquecer um núcleo de militares venezuelanos – que hoje estão exilados na Colômbia – que querem tirar Maduro

dos serviços dos mercenários. O dinheiro teria vindo das contas bloqueadas no exterior que foram roubadas pelos Estados Unidos e repassadas a Guaidó.

Na Venezuela cresce na população o grito para que Guaidó seja finalmente detido, afinal, não é de hoje sua sistemática ação para derrubar o governo legítimo de Maduro. Esse pode ser um momento oportuno para Maduro finalmente cortar as asas de Guaidó, mas a ordem ainda não aconteceu, apesar das prováveis provas.

Nas milícias populares, cerca de três milhões de pessoas treinadas e armadas, reside a certeza de que a revolução bolivariana segue em risco e que é preciso defendê-la.

Na mídia internacional o tema é discutido sempre de maneira distorcida. Nos jornais brasileiros, por exemplo, o nome de Maduro sempre é precedido do adjetivo “ditador”, sem que seja levado em conta o fato de que Maduro foi eleito da mesma forma democrática como foi eleito o presidente Bolsonaro. No voto, universal, livre e soberano. Também não se fala da ainda grande aceitação popular desse governo que, se realmente se desviou de vários pilares do chavismo, ainda garante algumas de suas conquistas que são muito importantes para a população. Um exemplo muito claro é a forma como está enfrentando a pandemia do coronavírus.

Justamente por sua atuação no campo da saúde comunitária e na ação dos médicos de família o país tem sido o que, depois de Cuba, está conseguindo garantir taxas muito baixas de mortes. A população se sente protegida e segue firme na defesa do governo.

De qualquer forma a tentativa de invasão acendeu novos alarmes. Lugares remotos do país são entradas fáceis para grupos mercenários e é preciso deixar a população alerta. Isso agora está sendo reforçado. A cabeça de Maduro segue valendo 15 milhões, recompensa colocada pelo governo criminoso dos Estados Unidos, sem que nenhum tribunal internacional se manifeste.

Ainda assim, há muita gente dentro do país disposta a dar a vida para defender as conquistas garantidas pelo poder popular.

Mais uma vez, não deu certo. Resta agora saber o que mais virá.



nidenses, que estranhamente estavam portando todos os seus documentos. Eles são ligados a Silvercorps, empresa especializada em contratação de mercenários para as guerras promovidas pelos EUA, e segundo o governo bolivariano, confessaram terem sido contratados por Juan Guaidó. Os demais mercenários provavelmente todos venezuelanos, desertados das forças armadas ou populares caçadores de recompensa.

A tentativa de entrada ilegal no território venezuelano ao que parece era de conhecimento até do presidente Trump, como mostra um tuíte da empresa Silvercorps para a conta The Donald.

Também uma jornalista venezuelana, da oposição, que vive em Miami, Marianella Salazar, tuitava no dia 2 de maio, às onze da noite: “A noite promete, não será fácil conciliar o sono”. Também no feicbeuque pipocavam vídeos de “comandantes” venezuelanos informando sobre as incursões e sobre uma possível “libertação” do país, com entrevistas realizadas junto a representante da Silvercorps.

Do grupo invasor, um pequeno número conseguiu desembarcar e se embrenhou nos caminhos, mas praticamente todo o contingente acabou também capturado. Ao que parece, tudo está de-

do poder para aprofundar o bolivarianismo (que eles afirmam ter sido abandonado por Maduro).

De qualquer forma, tanto Maduro está na mira dos mercenários, já que existe uma recompensa de 15 milhões pela sua cabeça, quanto os militares exilados estão enfraquecidos pelas denúncias feitas pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos de que eles seriam narcotraficantes. O analista Heinz Dieterich, por exemplo, diz que assim os EUA matam dois coelhos: Maduro e um possível aprofundamento do chavismo.

O fato é que tentativa de entrada ilegal na Venezuela por um grupo de mercenários foi frustrada pela população em parceria com o exército bolivariano e deu ao governo Maduro mais munição para questionar tanto as ações criminosas dos Estados Unidos, quanto de sua oposição interna representada por Guaidó. O presidente mostrou na televisão um suposto contrato feito entre a Silvercorps e Guaidó para a contratação

*Jornalista e colaboradora do IELA (Instituto de Estudos Latino-Americanos) da UFSC. <eteia8@gmail.com>



*FREI BETTO

Jesus se posicionou contra essa falsa teologia e demonstrou que Deus não quer ninguém doente, como também não faz da pobreza um castigo por falta de fé. Se há miséria, pobreza e doença, temos que buscar as causas aqui na Terra, e não no Céu. Elas resultam dos males que nós, humanos, provocamos, como a acumulação privada da riqueza em mãos de poucos, em detrimento da maioria. E isso não corresponde à vontade divina; pelo contrário.

Isto sim é “ópio do povo”: culpar Deus pelas injustiças humanas. Ora, a Bíblia registra, na primeira página do livro dos Gênesis, que Deus nos criou para viver no paraíso. E ao terminar a obra da Criação “viu que tudo era muito bom”.

Se agora muita coisa anda ruim não é porque Deus, como escreveu Beckett na peça Fim de jogo, criou apressadamente o mundo em apenas seis dias, quando nem a confecção de uma roupa pode ficar perfeita em tão curto tempo... Nós é que abu-

DEUS de loteria

samos de nossa liberdade e alteramos o projeto da Criação ao introduzir os frutos amargos do egoísmo: opressão, exclusão, preconceito e discriminação.

Por que, então, muitos atribuem a Deus terem se tornado um pouco menos pobres? Porque ao ingressar em uma Igreja, deixam de beber, fumar, jogar, frequentar bares e danceterias. Aprendem a poupar, adotam vida mais regrada. Isso é o suficiente para o assalariado melhorar a sua qualidade de vida.

Acreditar que o sucesso financeiro vem de Deus é aceitar um deus cruel que condena à pobreza metade da população mundial. Que culpa tem uma criança que nasce na miséria? Ora, a miséria de muitos existe porque, do outro lado do apartheid social, a riqueza de poucos engorda os cofres dos bancos.

Até um cego sabe que muitas fortunas nada têm de abençoadas. Decorrem da corrupção (vide a Lava Jato), da opressão (lucra-se muito e paga-se pouco aos funcionários), da falta de direitos básicos (o filho do pobre não tem acesso à educação de qualidade propi-

ciada ao filho do rico), e até da exploração da fé alheia (padres e pastores que, em nome de Deus, enriquecem graças aos donativos dos fiéis).

Jesus não veio fundar uma religião ou uma Igreja. Veio semear entre nós um novo projeto civilizatório, baseado na partilha dos bens da Terra e dos frutos do trabalho humano, e no amor. Veio arrancar a venda que nos cobre os olhos e impede que reconheçamos as causas da miséria e da pobreza. Veio anunciar o Reino de Deus dentro do reino de César. Por isso foi assassinado na cruz, por associar Deus como “Pai Nosso” (de todos, e não somente meu) na medida em que somos capazes de partilhar o “Pão Nosso” (bens e direitos necessários para que “todos tenham vida e vida em abundância”).

Crucifica Jesus pela segunda vez quem, em nome de Deus, legitima a desigualdade social e dela tira proveito para enriquecer. Este deus de loteria não encontra lugar na Bíblia.

**Escritor, autor de “Fome de Deus” (Fontanar), entre outros livros. Para reproduzir os artigos de Frei Betto, favor entrar em contato com <mhgpal@gmail.com>*



POLITICA

No DIA DA ENFERMAGEM, categoria protesta contra mortes

GABRIELA OLIVA*

Em vez de comemoração, protesto e tristeza. No Dia Internacional da Enfermagem, profissionais de saúde que têm enfrentado a pandemia nos hospitais foram para as ruas denunciar a falta de condições de trabalho e fazer uma homenagem aos colegas que não resistiram ao coronavírus. Cerca de 20 pessoas ocuparam ontem à tarde as escadarias da Assembleia Legislativa do Rio num ato organizado pela Federação Nacional dos Enfermeiros.

Dados do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) mostram que 108 profissionais da categoria já perderam a vida para a Covid-19 e que 273 estão internados.

– Há um descaso com a saúde dos trabalhadores que estão na linha de frente, muitas vezes expostos sem equipamentos de proteção adequados – disse o Gilney Guerra, conselheiro da entidade.

No ato na Alerj, os profissionais vestiam jalecos brancos e seguravam cruzes pretas simbolizando as perdas de colegas.

No rosto, eles usavam máscaras com a frase: “Chega de mortes na enfermagem”. Eles também exibiram cartazes reivindicando melhorias na aposentadoria, no piso salarial e na carga horária. No fim, balões brancos foram soltos, em alusão a um pedido de paz.

Uma das manifestantes, a enfermeira Líbia Bellusci, de 36 anos, que trabalha na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da Penha, conta que nunca passou por tantos problemas ao mesmo tempo.

– A falta equipamentos de proteção individual (EPIs) e de condições de trabalho dignas e a dura realidade de estar longe de nossas famílias por medo de contaminá-los fazem que nos sintamos mais vulneráveis. Estamos indo para a linha de frente, enfrentando os próprios medos e salvando vidas, mas quem está cuidando da gente? – desabafa.

Na capital federal, cerca de 60 pessoas fizeram uma homenagem aos enfermeiros num ato em frente ao Museu Nacional de Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Cada uma delas segurava uma placa com



o nome de um enfermeiro morto. Quando começou a escurecer, um projetor exibiu os nomes das vítimas na parede do museu. A cada nome que aparecia, um manifestante deitava no chão. O ato foi encerrado com uma salva de palmas.

– Quantos mais vão ter que morrer para o presidente acordar e escutar que a Covid-19 não é qualquer doença? – disse a enfermeira Karine Afonseca, de 32 anos, que atua em um hospital de reabilitação em Brasília.

**Estagiária sob a supervisão de Cristina Fibe (O Globo). <sociedade@oglobo.com.br>*



TEMA LIVRE



CORONAVÍRUS, os olhos e o sêmen

DR. DRÁUZIO VARELLA*

A conjuntiva é uma via de contaminação da covid-19, indica um novo estudo. No caso do esperma, é preciso mais análises

Os olhos servem de porta de entrada para o novo coronavírus. Os estudos mostram que ele se instala nas células que revestem as vias respiratórias altas e as da conjuntiva, com mais facilidade do que os outros coronavírus causadores das epidemias de SARS e da MERS, de anos atrás.

Em artigo publicado na revista *The Lancet Respiratory Medicine*, pesquisadores da escola de saúde pública da Universidade de Hong Kong foram os primeiros a documentar a facilidade com que o novo coronavírus conseguia infectar seres humanos ao penetrar os olhos, além das vias aéreas.

Eles cultivaram em laboratório tecidos das vias respiratórias e da conjuntiva de pacientes com covid-19 para compará-los com tecidos iguais àqueles infectados pelo vírus da SARS e da gripe H5N1.

Os resultados mostraram que o vírus da covid-19 é capaz de atingir concentrações celulares de 80 a 100 vezes mais altas do que aqueles da SARS e da gripe H5N1. Segundo os autores, “os resultados explicam a transmissibilidade mais elevada do vírus da covid-19 do que a dos coronavírus da SARS e da H5N1, além da importância dos olhos como via importante da transmissão humana”.

Achados como esses justificam a insistência nas recomendações de lavar as mãos com água e sabão com regularidade, de não levar as mãos ao rosto e de não coçar os olhos, uma vez que pesquisadores daquela universidade haviam demonstrado que o vírus pode permanecer viável por vários dias em superfícies de aço ou de plástico.

No início da epidemia, imaginava-se que aos profissionais de saúde que trabalham em contato direto com os pacientes bastaria usar roupas protetoras e as máscaras N95. Esse, e outros estudos, demonstraram que havia necessidade de uma barreira de plástico para evitar o contato de secreções com os olhos (óculos ou face shield).

O vírus da covid-19 foi isolado na saliva, no trato gastrointestinal, nas fezes e na urina dos pacientes. Agora, pesquisadores do Hospital Municipal de Shangyu, na China, publicaram no *JAMA Network* um pequeno estudo realizado para detectar a presença de partículas virais no sêmen de 38 homens internados com a covid-19. O vírus foi encontrado em seis deles.

O coronavírus poderia ser sexualmente transmissível? O número de pacientes avaliados é tão pequeno que não permite conclusões definitivas. No ambiente científico, pesquisas desse tipo são consideradas apenas “geradoras de hipótese”, isto é, requerem estudos mais completos, com maior número de pacientes.

Além do mais, não sabemos se partículas virais presentes no esperma estão íntegras, mantêm a viabilidade e a capacidade de infectar outras células, requisitos fundamentais para a transmissão.

Enquanto aguardamos a chegada da vacina salvadora e de medicamentos dotados de atividade antiviral, cabe a nós lavar as mãos com frequência, usar máscara ao sair de casa, além de manter o rigor do isolamento, é claro!

**Médico cancerologista, formado pela USP. Entre seus livros mais conhecidos está Estação Carandiru. <agilitymarketing@agilitymarketing.com.br>*





EQUIDADE: a ética global e necessária

MARGARETH DALCOLMO*

A carta aberta ao Secretário Geral das Nações Unidas Antonio Guterres, chamada “Força Tarefa pela Equidade Global em Saúde”, é clara e firme no pleito de que se unam esforços objetivos e materiais para reduzir o impacto da Covid-19 e suas consequências catastróficas para as populações mais vulneráveis do planeta.

São signatários desse histórico documento 39 ex-presidentes e primeiros-ministros, a Federação Mundial de Associações de Saúde Pública, Federações Mundiais de Ciências e de Enfermagem, as Academias de Ciências de todos os continentes, Academias Americanas de Pediatria, além de personalidades como Jeffrey Sachs, Noam Chomsky, Sir Michael Marmot e Isabel Allende. Pelo Brasil, assinam as Academias Nacional de Medicina, de Ciências, de Reabilitação, de Odontologia, de Saúde Coletiva, e a Fundação Oswaldo Cruz, entre outras. A revista ‘Lancet’ publicou esta semana editorial ratificando o “grito por uma nova liderança ética global” movido pela inequidade na saúde, exposta sem pudor pela pandemia, e alertando que os sistemas europeu e americano, exauridos, são apenas a mínima expressão do que se passa nos países pobres.

De Nova York, símbolo do cosmopolitismo, às imagens chocantes de corpos nas ruas do Equador, ao colapso dos sistemas de saúde de Manaus, Belém e Rio de Janeiro, constatamos, mais do que vemos, o prenúncio do inexorável impacto do novo coronavírus em regiões de baixa e média rendas, morada de mais de 80% da população mundial. O mais grave é que sabemos o risco elevado de exposição e vulnerabilidade destas comunidades e residências, onde falar de distanciamento social é retórica vazia e, com a falta de saneamento básico e água potável, recomendar lavar as mãos todo o tempo, quase picardia.

No Brasil, a desigualdade social aumenta a fragilidade do país e, com medidas públicas desiguais, paradoxais e muitas vezes irresponsáveis, não gera a resposta à altura do desafio, e agrava o problema no mar de ignorância vigente. Cerca da metade da população e 60% das escolas de ensino fundamental não têm coleta de esgoto e 32 milhões de brasileiros não têm acesso à água tratada.

Somam-se ao desafio atual o déficit no número de profissionais qualificados para atender a demanda gerada pela epidemia e o crônico sucateamento do SUS, tornando a disponibilidade

de respiradores e equipamentos de terapia intensiva grotescamente inútil.

Se pensar numa nova ordem mundial é papel dos economistas e formuladores de políticas públicas, nunca a sociedade civil e governos se viram tão instados a reconhecer que não é possível seguir observando registros das desgraças sociais do dia a dia com insensibilidade estética de espectador de exposição de arte.

Oliver Sachs, em seu seminal “Rio da Consciência”, nos lembra que a “história da ciência e da medicina deve boa parte de seu sucesso a rivalidades intelectuais que forçam cientistas a confrontar anomalias e ideologias arraigadas...”. E que essa competição, sob debate franco, é essencial para o progresso científico.

Mais que qualquer reflexão teórica, a magnitude da pandemia exige intervenções corajosas, inovadoras, globais e locais, para proteger os necessitados, para as quais a ciência, a saúde pública, a assistência e os movimentos sociais podem contribuir decisivamente. Nenhum ser humano pode mais ser deixado para trás.

**Cientista e pneumologista da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz.
Fonte: Jornal O Globo*

Uma oportunidade para denunciar, defender e agir

GINA MCCARTHY*

“Ao celebrarmos o quinto aniversário de *Laudato Si'*, a esperança que tenho é que as organizações religiosas e as religiões usem esse dia como um tempo para lembrar as suas congregações e a todos os que ocupam posições de liderança, nos setores público e privado, daquela obrigação de colocar as pessoas – e não os poluidores nem o lucro – na vanguarda das decisões a serem tomadas”, escreve Gina McCarthy, em artigo publicado por National Catholic Reporter, 20-05-2020. A tradução é de Isaque Gomes Correa. Eis o artigo.

Depois que o Papa Francisco lançou sua *Laudato Si'*, sua encíclica sobre o meio ambiente, cinco anos atrás, eu me uni a milhares de americanos no gramado em frente à Casa Branca para testemunhar o nosso Santo Padre, que disse: “o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós (...) Como cristãos animados por esta certeza, procuramos comprometer-nos neste cuidado consciente e responsável da nossa casa comum”.

Estar nesse lugar foi uma experiência incrível – não somente por eu ser formada em escolas católicas, mas também como alguém que passou a vida inteira lutando para proteger da poluição os nossos filhos e aqueles que são os mais vulneráveis dentre nós. Sua Santidade nos lembrou que combater as mudanças climáticas não tem a ver apenas com ursos polares – tem a ver com pessoas. Tem a ver com uma obrigação moral nossa de proteger nossos filhos, netos e os mais vulneráveis do desafio de saúde pública mais premente dos nossos tempos.

Sentei-me educadamente em meu assento, exatamente como as freiras haviam me ensinado, e rapidamente me vi absorvida por suas palavras. Elas me deixaram inspirada, energizada, esperançosa e comprometida com um futuro mais saudável, seguro e sustentável. E agora, nesses tempos difíceis, me vejo voltando àquele momento quando fico dentro de casa ou quando faço pequenas saídas usando uma máscara e tomando cuidado para não andar muito perto dos demais.

Como a crise climática, o coronavírus ameaça a todos nós, mas não da mesma forma. Ele persegue as pessoas de cor e aqueles que vivem em comunidades

de baixa renda porque estas populações já sofrem de taxas desproporcionalmente altas de doenças pulmonares e cardíacas, e quadros clínicos como estes enfraquecem a capacidade de o ser humano sobreviver à Covid-19. Dados científicos já apontam taxas de mortalidade significativamente mais altas entre os que carregam o fardo de viver ao longo de rodovias ou perto de refinarias, regiões em que a poluição é tão alta que o ar não é saudável para respirar.

O papa nos lembrou que é nossa responsabilidade cuidar da casa comum. Proteger os recursos naturais dos quais dependemos é uma obrigação moral que o Santo Padre quis que reconheçêssemos e agíssemos a respeito. É uma obrigação fundamental reconhecida pelas religiões, em todos os lugares, e o papa estava nos recordando da nossa responsabilidade individual para com os nossos amigos, com a nossa família, com o nosso próximo; lembrou-nos da obrigação que temos de abraçar, juntos, esse desafio.

Ao celebrarmos o quinto aniversário de *Laudato Si'*, a esperança que tenho é que as organizações religiosas e as religiões usem esse dia como um tempo para lembrar as suas congregações e a todos os que ocupam posições de liderança, nos setores público e privado, daquela obrigação de colocar as pessoas – e não os poluidores nem o lucro – na vanguarda das decisões a serem tomadas. Espero que este dia seja uma oportunidade para lembrar a todos nós que não podemos nos descuidar do mundo que temos. Devemos denunciar, defender e agir se quisermos proteger aqueles que amamos e os lugares em que vivemos. Devemos exigir o direito ao ar puro, à água potável e a lugares saudáveis e seguros para morar, trabalhar e nos divertir.

Afinal, não será este o momento de sermos administradores atenciosos de nossos preciosos recursos naturais? Não deveríamos começar ouvindo os clamores dos nos-

so filhos? Estes nos pedem que salvemos seu futuro ao acolhermos a ciência e os fatos, implementando e aplicando nosso estado de direito e desenvolvendo/entregando um plano de ação que finalmente nos permita encarar a ameaça existencial das mudanças climáticas. O que nos impede de imaginar e investir em um futuro melhor, um futuro em não seja construído à custa dos mais vulneráveis, mas que proporcionará a eles o tipo de benefício imediato que tanto merecem?

A reconstrução das nossas economias na sequência desta pandemia pode nos proporcionar uma importante oportunidade de entregar um futuro digno, com os valores do nosso país, apoiando nossas aspirações e nossos sonhos coletivos e protegendo a saúde dos nossos filhos e nossos recursos naturais. Podemos usar dessa oportunidade começando por investir em iniciativas que se afastam da dependência de combustíveis fósseis. Podemos construir uma economia de energia limpa como base para um futuro mais limpo, mais saudável, mais seguro e mais justo e sustentável – um futuro em que todos venceremos. Não era isso que o Papa Francisco esperava ver acontecer?

Em uma parede de minha casa, tenho uma foto tirada na Casa Branca durante a visita do papa. Ela mostra o presidente Obama apresentando-me ao Papa Francisco, onde ele aparece segurando minha mão enquanto meus joelhos tremiam. Sempre imagino como seria se minha mãe estivesse viva para ver essa imagem. Ela ficaria maravilhada e, verdade seja dita, eu também. Essa foto é um lembrete constante para mim de que não posso ceder na luta contra as mudanças climáticas e também que estou em muito boa companhia.

*Ex-administradora da Agência de Proteção Ambiental, no governo Obama, e atualmente presidente e CEO da ONG Conselho de Defesa dos Recursos Naturais nos EUA. Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/599184-aniversario-de-laudato-si-uma-oportunidade-para-denunciar-defender-agir>

Rede
BOLETIM DOS CRISTÃOS

Coordenadora Editorial:
Maria Helena Arrochellas

Conselho Editorial:
Alino e Agnes Lorenzon, Eliezer Leal, Jether Ramalho, Lúcia Ribeiro, Maria Cândida Bordenave, Pe. José Oscar Beozzo, Pr. Bruno Oliveira, Pr. Edson Fernando de Almeida e Thomaz Ferreira Jensen
Em memória: Hélio Amorim, Hélio Saboya e Plínio de Arruda Sampaio

Diagramação: Arteg

Correspondências:
Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade / CAALL
Rua Mosela, 289, Mosela, Petrópolis, RJ
Brasil, 25675-481 – +55 (24) 2242.6433
bolrede@terra.com.br

SOUZA SANTOS, BOAVENTURA DE

PARA UMA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA DA JUSTIÇA

CORTEZ, São Paulo, 2014, 3a. ed., 136 pág., ISBN: 8524916583. R\$ 44,00.

Reconhecido internacionalmente por suas análises, o autor afirma que “a revolução democrática da justiça nunca poderá ocorrer sem a revolução democrática do Estado e da sociedade. Mas esta, por sua vez, tão pouco será possível sem a revolução democrática da justiça. É, pois, pertinente perguntar pela contribuição do sistema judicial para uma tal revolução democrática mais ampla. A contribuição é possível mas sob condição de o sistema judicial passar a ser outro, muito diferente daquele que conhecemos”.

